

nacci (“Uma gramática brasileira ... e por que não?”), abordando, portanto, uma questão controversa que se agudizou com o chamado acordo ortográfico (AO90). Marcos Bagno é, desde o início, sumamente explícito ao referir que o debate proposto “tem como base o argumento de que português brasileiro e português europeu são duas línguas diferentes” (p. 477). Pessoalmente estou de acordo quanto à definição de “lusofonia” como projecto político-ideológico e também subscrevo que “não existe ciência neutra” (p. 487). Mas após o discurso bem elaborado sobre algumas características que contradistinguem a gramática do PB, envolvendo, portanto, questões linguísticas, confesso a minha surpresa quando, a concluir, o estudioso faz depender a diferenciação sobretudo da decisão política. A “recensão” de Roberto Mulinacci parece-me mais equilibrada na medida em que, embora concorde com a tese política no “eventual reconhecimento do português brasileiro como língua plena e autónoma” (p. 491), não deixa de se apoiar em muita literatura científica para defender “a existência *in re* de uma gramática brasileira” (p. 490).

Por tudo quanto fica escrito, creio que emerge uma opinião de grande apreço pela quantidade e indubitá-

vel qualidade das propostas, muito se ficando a dever à organização do congresso e à arrumação dos materiais, o que faz deste volume um “manual” de consulta obrigatória para futuras investigações na área dos estudos sobre as várias culturas de língua portuguesa. MANUEL G. SIMÕES

Paola Nestola, San Giuseppe da Copertino: dall'estrema Puglia al Portogallo (secc. XVII-XIX), Lecce, Edizioni Grifo, 2016, 286 pp.

A autora deste livro é investigadora do Centro de História da Sociedade e da Cultura (CHSC) da Universidade de Coimbra e tem-se dedicado, nos últimos anos, com grande proficiência, a estudos de História Religiosa. Este volume, editado com o apoio do CHSC, é composto por textos inéditos e artigos recentes publicados em revistas científicas e em atas de congressos. O livro conta com uma esclarecedora introdução e seis capítulos: I - *Virtutem ad emulandum*: la castità di fra' Giuseppe tra pratica sacramentale e “sollicitatio ad turpia”; II - La Santità al femminile: San Giuseppe da Copertino tra culto popolare e culto elitario; III - S. Giuseppe da Copertino, un patronato toponimico emblematico:

da santo nella sua “terra” a civica insegna identitaria (1664-1858); IV - S. José de Cupertino: “santo dei voli” in Portogallo? Itinerari di ricerca tra letteratura, iconografia e rappresentazione sociale; V - S. Giuseppe da Copertino vs. S. José de Cupertino: proposte storiografiche tra territorialità e universalità; VI - Le porte di Cuperino/Copertino: da accesso liminare a sacro baluardo di benessere (secc. XVI-XIX); VII - “Et il fuoco fa che la pignata mandi sopra la schiuma”: quando la lussuria sta in cucina? Testi agiografici francescani, peccati di carne, disciplinamento sociale nella prima metà del Seicento; VIII - “Plagi agiografici” italo-portoghesi tra Sei e Settecento? Matrice francescana e antoniana in San Giuseppe da Copertino. Em apêndice apresentam-se doze expressivas imagens de época, de natureza e proveniência diversas. A fim de reforçar a linha narrativa do livro, julgamos que uma conclusão e uma resenha bibliográfica final seriam úteis para o leitor. Anota-se ainda a ausência de um índice onomástico e toponímico, de grande valia numa obra tão abrangente. Em termos genéricos, o livro centra-se na figura histórica de frei Giuseppe Maria Desa (1603-1663), sistematiza os sinais prodigiosos atribuídos a San Giuseppe da Copertino (1753-1767) e des-

venda os motivos de expansão do seu culto dentro e fora de Itália, em particular nos países do Sul da Europa, de tradição contra-reformista. A autora parte de três premissas fundamentais: a unidade da representação hagiográfica; o carácter polissémico da construção literária e memorial da santidade; e a função aglutinadora do culto.

Os capítulos iniciais exploram os traços da figura histórica do frade venerado em Itália, na província de Terra de Otranto, enfatizando o carácter antropomórfico da relação dos homens e das mulheres com o sagrado na bacia do Mediterrâneo, durante a Época Moderna. Neste aspeto, é interessante destacar a similitude que Paola Nestola estabelece entre a representação antropomórfica do novo santo e a tradição imagética antoniana em Portugal. Num outro plano, a dialética entre o relato hagiográfico e as imagens do santo na comunidade dos crentes é ponto de partida para a exploração do modo de construção, institucional e coletivo, dos atributos de santidade.

Centrando-se num estudo de caso, a autora demonstra que o sentimento religioso desempenha uma função essencial no processo de afirmação identitária da sociedade moderna. Ao aprofundar os aspetos coletivos da vivência da crença em Itália, evidencia que o fenó-

meno religioso não pode ser visto apenas como motivo de aspiração individual ou como matéria do domínio das igrejas. Está para além disso, ou seja, constitui um forte motivo de partilha e um veículo de comunicação imprescindível para a comunidade dos crentes.

Focando o processo de canonização de San Giuseppe da Copertino, a autora começa por ilustrar a dinâmica devocional subjacente à colação beatífica do venerado frade Giuseppe Maria Desa, em finais do século XVII. Relata os aspectos mais relevantes da fase de beatificação, decretada em 1753, por Bento XIV e analisa a cerimónia solene de canonização que ocorre em pleno século das Luzes, em Roma, no ano de 1767, sob o pontificado de Clemente XIII. Mas, como bem salienta, antes destas datas eram já rastreáveis, em Itália e em várias regiões da Europa, as virtudes milagrosas que justificaram a rápida expansão do culto de Giuseppe da Copertino.

Sobre este ângulo de análise, é minucioso o estudo que Paola Nestola faz da biografia do frade franciscano, pulicada por Domenico Bernini, em Roma, em 1722, e reeditada, em Veneza, em 1753, com o título *Vita del servo di Dio fra Giuseppe da Copertino dell'Ordine dei Minori Conventuali*. É também exaustivo o modo

como analisa o processo de canonização e como contextualiza a iconografia de San Giuseppe da Copertino, iluminando os seus múltiplos sentidos a partir da matriz franciscana e antoniana, de Santo António dos portugueses. Nesta linha, a sua proposta historiográfica contempla tanto a territorialidade originária da devoção ao santo taumaturgo italiano quanto a universalidade do seu culto, conforme explicita nos capítulos V e VIII do livro.

Em Portugal, é sensivelmente a partir de 1755, o ano do grande terramoto de Lisboa, que se inicia a difusão do culto do beato “José de Copertino”. Mais do que a catástrofe, o facto de o cardeal Conti, núncio apostólico em Lisboa, ter sido elevado ao pontificado com o título de Inocêncio XIII condicionou a boa aceitação daquele culto em terras lusas. Recorde-se que foi sob a égide deste pontífice que se acelerou o processo de beatificação de Giuseppe da Copertino. Dois anos depois de firmada a beatitude do antigo frade franciscano, a lógica de afirmação político-religiosa do novo pontificado de Bento XIV cruza-se com a necessidade de amparo e conforto espiritual dos fiéis depois do trágico terramoto de 1 de Novembro de 1755. Este conjunto de factores, de natureza diversa, facilitou o processo de ex-

pansão da santidade de Giuseppe da Copertino em Portugal.

No plano da representação social prevalece, a par do tópico dos voos, a proteção dada por San Giuseppe da Copertino aos estudantes, a outros voos, os do conhecimento – atributo este mais vincado nas sociedades do norte da Europa. Para além dos aspetos referidos, a magnífica e rebuscada imagem do santo voador foi dando lugar a sucessivas leituras e reatualizações, sendo a que resulta da assunção de Giuseppe da Copertino como herói cívico na sua terra natal uma das mais surpreendentes. Estes e outros temas, analisados pela autora, com recurso a abundante documentação, conferem a este livro, galardoado pela Academia Portuguesa de História, em 2016, com o prémio História da Europa, uma agradável leitura.

ANA CRISTINA ARAÚJO

Poeti di Lisbona. Camões, Cesário, Sá-Carneiro, Florbela, Pessoa, tradução de Andrea Ragusa, Paola D'Agostino, introduzione di Vincenzo Russo, Lisbona, Lisbon Poets & Co., 2016, pp. 207.

Lisbona è diventata negli ultimi anni, e con una rapidità che lascia sbigottiti, meta di tanti turisti atti-

rati dalla sua bellezza. Città avamposto e retroguardia del continente, per lunghi anni dimenticata dal progresso e dal resto dell'Europa, sta attualmente conoscendo una celebrità senza precedenti. Quale miglior guida, quindi, per chi la vuole conoscere davvero, se non i versi dei poeti che l'hanno vissuta?

Poeti di Lisbona viene incontro a tutti gli italiani curiosi di vedere la città attraverso gli occhi della letteratura e la penna di cinque portoghesi d'eccezione. Luís de Camões, Cesário Verde, Mário de Sá-Carneiro, Florbela Espanca e Fernando Pessoa sono i giganti della poesia portoghese scelti per questo libriccino, che vuole dar a conoscere al grande pubblico piccole perle della letteratura lusitana. Progetto dell'editore Lisbon Poets & Co., che ha già lanciato le edizioni in inglese, cinese e francese, quest'antologia ha visto recentemente la luce in lingua italiana, con la traduzione (testo a fronte) di Andrea Ragusa e Paola D'Agostino, le illustrazioni di André Carrilho e una prefazione di Vincenzo Russo, docente di Letteratura portoghese e brasiliana all'Università Statale di Milano.

Ad aprire queste pagine è, naturalmente, il “Virgilio portoghese”, Luís Vaz de Camões - di cui ci vengono proposti alcuni sonetti e degli estratti dei *Lusiadi*. Dalle liriche